



Dossiê: Currículos, corpos femininos, corpos lgbtqiapn+ e as pesquisas com os cotidianos nos diversos espaços tempos educativos

Apresentação do dossiê: Currículos, corpos femininos, corpos lgbtqiapn+ e as pesquisas com os cotidianos nos diversos espaços tempos educativos

Presentación del dossier: Currículos, cuerpos femeninos, cuerpos lgbtqiapn+ e investigaciones sobre la vida cotidiana en diferentes espacios-tiempos educativos

Denize Sepulveda
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
Rio de Janeiro -RJ - Brasil
Leonardo Rangel
Instituto Federal da Bahia (IFBA)
Salvador- Bahia - Brasil

As redes educativas que formamos e nas quais nos formamos (Alves, 2019) precisam ser entendidas em suas singularidades e potências. É preciso compreender as dinâmicas das reuniões, dos encontros, e, nesse sentido, é importante atentar aos aspectos existenciais, para as pessoas, os seres e as coisas que se encontram reunidos, pois um existente para existir entrelaça o espaço externo ao seu corpo (Merleau-Ponty, 2011).

No texto **Eros, erotismo e o processo pedagógico**, bell hooks (2017) nos apresenta alguns movimentos que levam professoras/es a silenciar acerca de eros na sala de aula. Além de tal silêncio, hooks nos mostra as implicações que tal ausência cria na educação, especialmente os limites impostos às questões de gêneros, raças, classes, epistemologias e sexualidades. Para a referida autora, professoras/es treinadas/os/es no contexto filosófico do dualismo metafísico ocidental aceitam a condição de que há uma separação entre o corpo e a mente.

O mundo público do ensino institucional era um local onde o corpo tinha de ser apagado, tinha de passar desapercebido. Quando me tornei professora e sentia vontade de ir ao banheiro no meio da aula, não tinha a menor ideia dos que os meus antecessores faziam nessa situação. Ninguém falava sobre a relação entre corpo e o ensino. O que fazer com o

corpo na sala de aula? Tento me lembrar dos corpos dos meus professores universitários e não consigo me recordar deles. Ouço vozes, corpos inteiros. (hooks, 2017, p. 253)

Se não há espaço para se falar dos corpos e suas demandas nos cursos de formação de professoras/es, como as/os futuras/os professoras/es falarão e lidarão com os corpos infantis, juvenis, pretos e dissidentes nos/dos/com os cotidianos das escolas? Por isso pensamos que as conversas em torno dos currículos precisam levar em conta as redes dos encontros e desencontros, como também os movimentos dos *espaçostempos* dos corpos das mulheres, das pessoas pretas e LGBTQIAPN+. Inspiradas/os/es nas pesquisas com os cotidianos, o presente dossiê busca ressaltar os movimentos singulares que se expressam na interface das temáticas Gêneros e Sexualidades, tentando apontar as múltiplas relações que se estabelecem entre as mulheres, a população LGBTQIAPN+ e seus corpos presentes nas redes educativas, nos encontros e desencontros cotidianos.

Consideramos necessário compreender juntas/os/es as multiplicidades dos movimentos expressivos dos corpos femininos, corpos LGBTQIAPN+ e corpos pretos, no intuito de fazer-pensar currículos mais sintonizados com as diferentes corporeidades, seus *espaçostempos* e as interseccionalidades que os atravessam. Apreendemos com Collins (2022) que o conceito de interseccionalidade nos possibilita compreender as múltiplas formas de resistências, opressões e desigualdades que atravessam os diferentes movimentos dos corpos.

(...) Em um contexto global, ativistas de base e ativistas que defendem os direitos humanos compreendem que o foco da interseccionalidade na interconexão das categorias de raça, classe, gêneros, sexualidade, etnia, nacionalidade, idade e competência lança nova luz sobre como as desigualdades sociais locais se articulam com os fenômenos sociais globais. Desde a década de 1990, a interseccionalidade tem influenciado cada vez mais a produção intelectual, a pesquisa e as escolhas curriculares em faculdades e universidades. (....) (Collins, 2022, p. 37-38)

Dessa forma, o Dossiê “Currículos, corpos femininos, corpos LGBTQIAPN+ e as pesquisas com os cotidianos nos diversos *espaçostempos* educativos”, contam com um total de 13 artigos, que versam, a partir do viés interseccional, às questões de gêneros e sexualidades, sobre o direito de acesso e permanências nos cotidianos das instituições educacionais, seja na educação básica ou ensino superior, bem como seus entrelaces com os currículos.

O primeiro artigo que compõe este Dossiê de autoria de Amanda Motta, Desirée Pires e Raylene Barbosa, intitulado **Deus, pátria e família na terra dos parças: reflexões sobre gênero, extrema-direita e uma pedagogia da crueldade** possui como objetivo discutir, a partir

dos estudos feministas, como a violência contra a mulher tem operado, tendo em vista o avanço da extrema direita e o fortalecimento de um neoconservadorismo, não somente no Brasil, mas no mundo.

O segundo artigo denominado **Corpos, Gêneros e Educação de Jovens, Adultos e Idosos: reflexões sobre as práticas pedagógicas nos/dos/com os cotidianos**, das/os autoras/es Ana Patrícia da Silva, Denize Sepulveda e Renan Corrêa, faz questionamentos sobre as intersecções entre corpos, gêneros e sexualidades no contexto da Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI), com o objetivo de compreender como as práticas pedagógicas podem contribuir para a tessitura de identidades mais justas e equânimes.

Ana Paula Meneghelli, Leonardo Rangel e Iá Ornellas no artigo **Margens de/em Re-Existência de Gênero e Sexualidades na Educação Profissional: O Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero e Sexualidades do Instituto Federal do Espírito Santo**, buscaram ressaltar a importância da Criação do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero e Sexualidades (Nepgnes), no Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes), com o intuito de evidenciar os movimentos de reexistência de gênero e sexualidade na Educação Profissional (EP).

O artigo **Justiças Epistêmica e Científica: por teorias e metodologias feministas no Ensino Superior**, de autoria de Daniela Auad, Fabiana Carlucci e Cláudia Lahni, dá ênfase ao debate da autoria feminina e aos lugares ocupados pelas mulheres no campo da produção de conhecimento em momento histórico singular. Assim, a partir de estudos feministas e inseridas no campo das pesquisas que consideram a categoria gênero, apresentam texto oriundo de pesquisa cuja metodologia objetiva a valorização das mulheres na apropriação e produção do conhecimento científico, seja nos cursos de graduação e de pós-graduação, seja nas dissertações de Mestrado e nas teses de Doutorado.

Douriene Fraga Amorim e Mariana Fernandes a partir do texto **Docentes Lgbtqiap+ no contexto da Educação Profissional e Tecnológica: Da escuta necessária à Produção de Saberes**, apresentam relato preliminar de pesquisa em desenvolvimento, iniciada no decorrer do ano 2022, com o objetivo de investigar as questões de diversidade sexual e identidade de gênero no contexto da Educação Profissional e Tecnológica (EPT), considerando os sentidos e percepções de docentes LGBTQIAP+, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia-IFBA. Para isso, realizaram um levantamento da produção acadêmica que discute a temática, em periódicos geridos pelos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia.

Em **É possível continuarmos perguntando sobre as experiências cotidianas de corpos LGBTTQIAPNb+?** os autores Franklin Kaic e Saimonton Tinôco questionam como uma escrita,

composta de perguntas, pode desafiar as normas acadêmicas? Indagam se é possível promover compreensões outras acerca dos corpos, dissidências, pedagogias e estudos com os cotidianos? Reflexionam também em relação a quais problemáticas as perguntas podem acionar, ao investigarmos as dissidências dos corpos LGBTTQIAPNb+? Também perguntam como é possível mantermos a abertura para conexões, brechas e trajetórias LGBTTQIAPNb+ que ainda não foram traçadas? Como alianças e tensões, dentro da comunidade queer, são compreendidas através da abertura à dúvida? Como produzirmos outras narrativas, em que vidas LGBTTQIAPNb+ sejam ouvidas e valorizadas?

Ivan Amaro e Mariana Paixão no artigo **Corpos LGBTTQIAPNb+ abalando as normal(t)izações: gênero, sexualidades e subjetividades juvenis nos cotidianos escolares**, buscam apontar os discursos de ódio dirigidos contra as mulheres e a comunidade LGBTTQIAPNb+ que têm sido uma constante na sociedade brasileira, problematizando os modos como estes corpos enfrentam estas violências por meio da performatividade desviante em movimento na escola. O artigo tenta, através do método cartográfico, compreender como se performatizam/produzem as identidades de gênero na escola.

Jose Antonio Sepulveda e Juliana Padilha no artigo **Laicidade, Direitos Humanos e Cotidiano Escolar**, discutem a importância da laicidade do Estado e sua relação com a educação pública no Brasil, destacando que o Estado laico garante pluralidade e respeito às diversas manifestações religiosas, ao contrário de um Estado neutro ou omissivo. Enfatizam que no ambiente escolar, no entanto, práticas religiosas naturalizadas podem desafiar a laicidade, excluindo grupos minoritários e minando a diversidade. Para os autores, o conservadorismo, especialmente o religioso, é identificado como uma força que reforça barreiras culturais, resistindo a avanços em direitos humanos e educação inclusiva. Concluem, a partir de um relato de experiência, que a escola, como espaço de formação cidadã, deve promover os direitos humanos e resistir às pressões conservadoras e neoliberais, reafirmando seu compromisso com a justiça social e a inclusão.

No artigo **DO ALFA AO SIGMA – pedagogias visuais e redes masculinistas cybers**, Marcos Aurélio, Juliana Lazzaretti e Marcio Caetano, discorrem que nas últimas décadas, inúmeras mobilizações transnacionais masculinistas vêm emergindo buscando reafirmar a natureza da assimetria sexual e o enfrentamento ao feminismo. Nessa direção, interrogam a rede *cyber manosphere*, discutindo os modos como entrelaçam suas pedagogias homossociais. Para tanto, analisam as postagens do Red Pill no Twitter (X) observando como esses sujeitos são representados e produzem pedagogias visuais, reverberando verdades sobre a(s) masculinidade(s). Balizados nos Estudos Culturais Visuais e Feministas, os autores

entendem que o segmento *Red Pill* na *mansphere* compreende a masculinidade articulada a lógica androcêntrica, enfatizando a misoginia e promovendo os ideários darwinistas de competitividade social.

A autora Maria Leão de Aquino em seu artigo **Educação, gêneros, sexualidades e militância em quatro atos: discussões nos/dos cotidianos escolares em 2010**, analisa disputas e tensões acerca de questões de gêneros e sexualidades em quatro escolas do estado do Rio de Janeiro, em diferentes eventos ocorridos ao longo dos anos 2010. A escolha dessas escolas e dos eventos analisados baseia-se na premissa de que o objetivo do artigo é reforçar a importância da abordagem desses temas nos cotidianos escolares, principalmente sob uma perspectiva de promoção de direitos e de valorização da diversidade e da diferença. São analisadas também limitações e dificuldades enfrentadas tanto pela pesquisadora quanto pelas escolas na realização de tais debates.

O texto **Corpos em dissidência — quem ensina aos mortos a arte de ler?** de Steferson Zanoni, Nahun Thiaghor Lippaus e Alexsandro Rodrigues, aborda os não-sabimentos do corpo a partir das dissidências de gênero e sexualidade, mas também das dissidências com as leituras e escritas. Os autores convocam os corpos que ainda não morreram e que de algum modo evadem às escolas para voltarem a ela e contar outros causos. Enfatizam que a letra é já e sempre a colonização sobre o corpo, uma imposição demasiado eurocêntrica, demasiado branca, demasiado masculina. Como dar a escrever com esses outros corpos que escapam ao sistema generificado e à heterossexualidade compulsória? Para tanto, criam uma personagem que escreve cartas às escolas por onde passou. Tal personagem poderia reivindicar o ódio, tomar o preconceito sofrido para base de ações judiciais. Opta, entretanto, por viver e fazer falar esse corpo que viveu e tem muito ainda a contar. Porque, no fim dizem que apenas os vivos aprendem a ler e apenas eles podem fazer da escrita uma arte vivente.

Stelina Moreira de Vasconcelos e Ana Paula Miranda no artigo **Docentes Lésbicas nas Ciências da Natureza: práxis pedagógica e de pesquisa na Bahia**, dizem que os estudos de lésbicas nas Ciências da Natureza ainda são pouco explorados no Brasil, afirmam que isso decorre da misoginia e do androcentrismo que permeiam historicamente esse campo do conhecimento. Na tentativa de avançar sobre tais estudos o artigo tem por objetivo analisar como a orientação afetiva-sexual de docentes lésbicas na área das Ciências da Natureza se relaciona com a práxis pedagógica e de pesquisa. Na pesquisa, concluem que existem práticas no ambiente acadêmico que impactam negativamente as docentes como os assédios morais pedagógicos.

Vinícius Hozana e Maria Luiza Sussekind, no último artigo que compõe esse dossier, intitulado **Não é possível ter um dia de paz? Currículos, conversas e relatos de um professor preto na educação pública carioca**, comunicam resultados de uma pesquisa, apontando possibilidades de abordagens e entendimentos em relação aos movimentos currículos, ressaltando a importância do que é criado coletivamente nos cotidianos nas/das escolas e, assim, desordenam o que está posto como normativa curricular dominante. Relatam “o que acontece” nos cotidianos vividos por um professor/diretor preto, defendem que é impossível estabelecer padronização de escolas e homogeneização de conhecimentos, já que as pessoas que transitam pelos espaços escolares são diferentes entre si e existem, mesmo nos currículos racistas mortais. Apontam que a heterogeneidade também se expressa no recorte racializado dos estudantes e profissionais da educação, e nas múltiplas formas que o racismo se manifesta nos currículos escolares.

Desse modo, convidamos a todos para lerem os treze artigos aqui presentes, pois fazem reflexões importantes sobre os corpos femininos, os corpos lgbtqiapn+, os corpos pretos e as pesquisas com os cotidianos nos diversos espaços tempos educativos a partir de uma perspectiva interseccional. Esperamos que os leitores possam mergulhar com todos os sentidos nas temáticas aqui apresentadas.

Referências

ALVES Nilda; ANDRADE, Nivea; CALDAS, Alessandra Nunes. Os movimentos necessários às pesquisas com os cotidianos –após muitas ‘conversas’ acerca deles. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; SUSSEKIND, Maria Luiza; PEIXOTO, Leonardo Ferreira(org.). **Estudos do cotidiano, currículo e formação docentes:** questões metodológicas, políticas e epistemológicas. Curitiba: CRV, 2019. p. 19-45.

COLLINS, Patrícia Hill. **Bem mais que ideias:** a interseccionalidade como teoria social crítica. São Paulo: Boitempo, 2022.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir:** a educação como prática da liberdade. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção.** 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011

Sobre os organizadores

Denize Sepulveda

Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação (Proped) da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGedu) da UERJ/FFP. Professora Associada da Universidade do Rio de Janeiro na Faculdade de Educação. Pós-doutora em Educação pela Universidade Federal Fluminense (2020). Pós-doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UERJ/PROPED (2016). Procidentista

(UERJ). Jovem Cientista do Nossa Estado (FAPERJ). Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UERJ (2012). Possui Mestrado em Educação pela Universidade Federal Fluminense (2003). Especialista em Educação Especial pela UFF (1995). Especialista em Psicopedagogia pela PUC-Rio (1997). Especialista em Educação Infantil pela PUC-Rio (1999). É bacharel e licenciada em História (1993). Sub-líder do Grupo de Estudos e Pesquisa Conservadorismo e a Educação Brasileira da UFF. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa Gêneros, Sexualidades e Diferenças nos Vários EspaçosTempos da História e dos Cotidianos da UERJ/.

E-mail: denizesepulveda@hotmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9049-5200>

Leonardo Rangel dos Reis

Mestre (2011) e Doutor (2015) em Educação pela UFBA. Graduado em Ciências Sociais pela UFBA (2007) e Bacharel em Psicologia pela UCSAL (2024). Professor de Sociologia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia IFBA (desde 2012). Coordenador e Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica – ProfEPT/IFBA (desde 2019). Professor associado do Mestrado profissional em educação, currículo, linguagens e inovações pedagógicas – MPED/UFBA (desde 2018). Bolsista PNPD Capes/UERJ, no ProPEd/UERJ, junto ao GrPesq Currículos cotidianos, redes educativas, imagens e sons (2019-2020), no qual permanece como pesquisador, e líder do GrPesq Educação da atenção cotidianos, de(s)colonialidades e corpos em movimentos. Link Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/2439250042562437> e-mail: leonardorangelreis@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5644-6250>

Recebido em: 01/06/2025

Aceito para publicação em: 15/06/2025